

000236 000174 1317

(Continuação do documento apreendido pela 3ª Bda Inf de terroristas que
agora na região SE do Pará: "Regulamento da JM Revolucionária - (Fls O

d)- no caso de violências contra a mulher, de acordo com a gravidade da falta, a pena pode variar entre a suspensão de funções, a expulsão das Forças Guerrilheiras e o fuzilamento.

e)- no caso de homicídio, de acordo com a gravidade da falta, a pena pode variar entre a expulsão das Forças Guerrilheiras e o fuzilamento

f)- no caso de traição à revolução a pena é do fuzilamento.

17. No julgamento serão levados em consideração, como atenuantes da falta, a boa conduta anterior do acusado, o reconhecimento do erro e o sincero desejo de corrigir-se.

18. Os crimes cometidos por inimigos do povo são punidos com a execução pública ou com a pena máxima.

19. O Presidente do Tribunal Militar Revolucionário de Destacamento comunica a sentença do Tribunal ao Comandante do Destacamento que providencia sua execução imediata.

20. O presidente do Tribunal Militar Revolucionário das Forças Guerrilheiras comunica a sentença do Tribunal à Comissão Militar que providencia sua execução imediata.

.....

ANEXO "I"

- DOCUMENTO APREENDIDO PELA 3ª BRIGADA DE INFANTARIA -

- DE TERRORISTAS QUE AGEM NA REGIÃO SE DO PARÁ -

"CARTA A MEUS PAIS"

Para os pais de...
Estimados velhos, aqui vai um pequeno relato de como foi o início da luta em que estou empenhado.

- Começou a guerra!

O Comissário Político do Destacamento e eu voltávamos de uma tarefa. Fazer um depósito numa determinada região para alimentos, roupas, munição, remédios, etc.

Fazia doze dias que estávamos no meio da solva, numa região sem trilhas, sem gente, pouco conhecida e praticamente inexplorada.

Doenças, três dias de malária (1), diarréia e dores no estômago era uma constante no companheiro Comissário. Mas nada o abatia. Viajava sem parar.

Perdidas de rumo com atraso de alguns dias até encontrar a direção certa, barrigadas de carno de caça com fubá e leite de castanha, chuvas terrenciais, estávamos no fim do inverno e trabalho árduo de cavar em terreno de serra, tudo isto alternava-se constantemente nesta tarefa.

Regressávamos para casa quando topamos com sinal no meio do caminho. Senha indicando que o inimigo tinha descoberto nosso esquema e conseqüentemente havia começado a luta. Não por iniciativa nossa como planejávamos, mas por intermédio deles.

- Começou a guerra! Vamos sair da estrada, subir este morro e observar a casa para saber o que aconteceu. Dali rumaremos direto para o primeiro ponto de apoio.

Assim meus velhos, foi o início da guerra para mim.

Encontramos o comandante, este, um negro de mais de dois metros de altura, já londário na região e extremamente querido pela população local, parecia maior ainda com seu chapéu de couro e a Parabellum na mão direita.

- Aquilo que tanto almejávamos, chegou (exclamou ele). É a vez da luta armada, ó a hora da libertação do nosso povo.

Dali para frente foi abraços, urras e vivas à etapa da revolução que se iniciava!

Dada a tarefa de reunir os outros companheiros num ponto determinado bem dentro da mata, parti imediatamente.

Conheço bem a mata desta região, serra, rios, grotas, etc. Posso cruzar de um ponto a outro por dentro da solva a distancia de mais de vinte quilometros e sair onde quero com relativa segurança. Semente uma

ideologia justa e a certeza da vitória de nossa luta pode fazer isto. Transformar um homem da cidade, num homem do campo, que derruba imensas árvores a golpes de machado, que trata de roças, que tem suas mãos calçadas do trabalho duro e árduo do homem pobre de interior e que domina a selva como um experiente mateiro.

- A mata é nossa segunda mãe!

As selvas do sul do Pará, norte de Goiás e oeste do Maranhão, deixaram de ser aquela coisa impenetrável, densa e misteriosa como apresentava ser ao observador inexperiente. Agora, é a nossa grande amiga. Limpa e avarandada, frondosa e bela com suas árvores gigantes e águas amareladas, desde a segurança contra as tropas inimigas que nela não conseguem penetrar(2), até a alimentação farta de carne de veado, anta, caititu e porcão(3), onça, gorgo e guariba(4), mutum, jacu, jacubim e jacamim(5), tamanduá, jaboti, tatu, paca, cotia, etc. e ainda palmito, côco babacu, castanha do Pará, frutas as mais diversas e mel de abelha. Tudo isto a selva nos proporciona.

- A mata é nossa segunda mãe. Repetimos sempre.

Voltei com os companheiros. Reunimos e nos organizamos. Mais tarde foram formados os vários destacamentos armados, sob o nome de Forças Guerrilheiras do Araguaia (FOGUERA), braço armado do Movimento de Libertação do Povo (MLP), entidade que tem seu programa "em defesa do povo pobre e pelo progresso do interior", e que congrega a todos os camponeses, operários, estudantes, intelectuais, patriotas e democratas que almejam derrubar a ditadura fascista e instaurar um governo de liberdades e bom estar para o povo.

- É uma missão difícil, porém é uma região de muita gente, bastante diferente desta que este grupo atua. Em termos da revolução, para vocês, o horizonte ficará muito mais amplo. Vocês, companheiros, terão uma visão em perspectiva muito maior do nosso trabalho de massa. Boa Sorte. Êxito.

Assim um dos membros da Comissão Militar nos apresentava a próxima missão, e que tínhamos de fazer e o que encontraríamos pela frente.

Éramos um grupo de cinco, incluindo o comandante desta tarefa. Este um jovem e competente médico, propaganda que a própria reação fez por nós. A início nos passa despercebido, pela sua modéstia quase não sentimos a sua presença, dá, a primeira vista, uma impressão falsa do que realmente é. Aos poucos a impressão vai se transformando, vai se impondo, passa do despercebido à pessoa que se destaca. Torna-se um gigante pela sua coragem e audácia aliada a uma segurança e malícia toda

Im. 3da. 11. Bar de ...

(Continuação do documento apreendido. "Carta a meus Pais" - (Fls 03)

Partimos para uma viagem longa. Andávamos 12 quilômetros por dia por dentro da mata, sem trilhas, picadas ou caminhos. Andamos quase dois meses de ida e volta, perfazendo de 350 a 400 quilômetros no total. Levávamos farinha, sal e castanha, e resto tínhamos que ir conseguindo da floresta ou dos camponeses que fôssomos encontrando.

A alimentação, no entanto, foi farta. Carne de caça comíamos diariamente e muito(6). Farinha, arroz, feijão, macaxeira, mamão, banana, etc. Conseguíamos nas casas dos camponeses que passávamos(7).

- Será que este aviãozinho pensa que nos assusta.

- Ra-ta-ta-ta!!! Era bala varando por todos os lados, deitados no chão, víamos as balas contando galhos, ramos e talos de coco por cima de nossas cabeças.

Havíamos saído da casa de um camponês, tínhamos entrado pela mata e íamos subindo uma gruta. Ao contornar um aberto de capoeira no momento em que passava um teco-teco de observação, começou o tiroteio.

Nos primeiros segundos não se ouçutava nada, só o pipocar das metralhadoras. Fiquei deitado, olhando, tentando localizar os lugares de onde saíam os tiros. Tínhamos caído numa emboscada e pensava como sairíamos desta.

- Flávio! Flávio! Está ferido? repetiu o comandante pela terceira vez.

- Não, estou bom.

Só agora num pequeno intervalo do tiroteio tinha ouçutado a voz do comandante. Vamos tentar sair, rasteje até aqui, dizia ele.

Minha mochila tinha arreventado a alça naquele justo momento. Pensei em deixá-la para sem peso melhor rastejar e tentar sair mais fácil do cerco. Tirei-a. Pensei melhor, lembrei-me que a mochila é a casa do guerrilheiro, consertei-a, enfiei nas costas e rastejei até junto do comando.

Este tempo todo as balas roçando por cima de nossas cabeças e nós numã calma impressionante.

- Vamos tentar sair. Pegue a noroeste.

Rastejei mais um pouco, como guia, na frente. Andei abaixado no chão, tirei o rumo pela bússola e juntos conseguimos sair dali. Andamos 500 metros por dentro de um cipóal e quando paramos, vimos o comandante que tinha levado dois tiros na perna. Este tempo todo não tinha dito uma única palavra sobre o ferimento.

Ficamos dois dias a menos de um quilômetro deles, pois o ferimento tinha piorado e ele não podia andar. Helicópteros e um avião passavam por cima o dia inteiro, mas não podiam nos ver na selva densa.

os poucos foi melhorando. Era uma dificuldade para andar com uma muleta que tínhamos improvisado, ou mesmo caminhar apoiado nos ombros de algum de nós, por dentro da mata. Afinal distanciamos dali e chegamos a lugar seguro. Tinha sido o nosso batismo de fogo.

- Bom dia, dona.

- Bom dia, seu moço.

A primeira pessoa que encontrávamos. Uma camponesa, com aspecto de índia. Pele queimada, olhos temperados pelo sofrimento e pobreza.

- Vamos chegar.

- Dá licença. Vai desculpar a gente estar entrando na casa da senhora de armas na cintura.

- Tem nada não.

Nervosa a princípio, aos poucos foi ficando calma. Explicamos o que estava acontecendo, o porquê daqueles soldados do Exército na região e qual a nossa luta. Conforme falávamos viamos nascendo aos poucos um brilho de esperança naqueles olhos sofridos. Apesar da pobreza, arranjou-nos um litro de leite e cuzcuz de milho, única coisa que tinha em sua casa.

- Volte seu moço, para conversar com meu marido.

- Voltaremos dona. Até mais.

Visitamos daí em diante várias casas camponesas. A solidariedade, o apoio, as informações sobre nosso objetivo, sobre o inimigo e sua moral a cada casa que passávamos.

- "Os soldados diz que vocês são terroristas. Hum! Terroristas são vocês, pênsei cá comigo".

- " Os paulistas tiveram aqui na semana passada. D. Dina tá botando medo nos soldados. Disse que não se entrega para homem nenhum. Se morrer, morre de bala. Ei mulher danada."

- "Os soldados, seu moço, tão num medão que faz dó. De noite num sai nem para urinar. Faz aí mesmo ao lado daqueles saquinhos que eles dorme dentro."

- "Outro dia o tenente foi dar uma batida em volta da casa e quiz entrar na mata, só em volta da casa. Hum! Porque? Dois soldados começou a chorar de medo. Isto lá é homem?"

- "Mas moço! Eu sabia que vocês apareciam por aqui. Guardei uma quarta de farinha prá vocês. Os soldados tão achando que vocês vão morrer de fome. Se depender de mim num morre não."

- "Os soldados é tudo curau, só andam pelas estradas. Têm um medão danado de vocês e da mata. Um deles até disse:- quando voltar pra Bolém

Luís B. V. B. V. V.

(Continuação do documento apreendido "Carta a meus Pais" - (Fls 05))
vou é largar a farda. Nesta guerra eu não entro mais."

"A roça tá a disposição de vocês. Pode pegar o que quiser e a qualquer hora, num precisa pedir licença. Mas quando vier aqui em casa, entre por ali que é mais seguro."

Alguns, receosos a princípio, conforme íamos desmistificando as mentiras do Exército sobre nós e explicando qual a nossa lei, descontraíam-se e acabavam dando seu inteiro apoio. Quase todos punham a roça a nossa disposição e apesar da miséria nos davam o que tinham para comer. Outros nos recebiam com entusiasmo. E, quando íamos o documento do MLP, "Em defesa do povo pobre...", este entusiasmo triplicava.

- Padrim Cícero já dizia, as cras de 1972 vai ser a vez dos pobres.

Outro, ainda, amigo de nesse comandante, companheiro de adjunto no trabalho de roça, ao ser lido o MLP, exclamou:-

- Tá muito no rumo, eu tô é nesta.

Assim, meus velhos, é o povo desta região e a recepção que estão nos dando. Não foi em vão o nosso trabalho, a vivência diária com eles. É como dizia Euclides da Cunha: "o sertanejo é antes de tudo um bravo". E, com um povo bravo deste, meus velhos, não haverá ditadura que resista. Nossa união será um turbilhão de fogo que varrerá para sempre estes generais fascistas. Completamos a missão e regressamos.

Hoje fazem cinco meses de guerra. A propaganda armada continua e amplia-se, vários soldados já provaram de nossas balas, a tendência é nossas fileiras começar a engrossar. Termino por aqui, pois sairei para outra missão. Antes, porém, quero que vocês não esqueçam o que vou lhes dizer:-

- Meus velhos, olhem para o horizonte. Os raios de esperanças começam a nascer. Assim como o sol surge numa manhã limpa e clara e vai aos poucos tomando corpo e esquentando a terra, também nós e a revolução estamos nascendo, tomando corpo e esquentaremos a nossa Pátria com a fogueira da guerra popular.

Que os generais fascistas espunhem de ódio, a revolução é uma realidade e o povo vencerá.

Meus queridos velhos, estou ansioso para chegar o dia de entrar em nossa casa, abraçá-los saudoso e lhes dizer:- Eis aqui a revolução triunfante.

Do filho que os admira e estima

FLÁVIO

P.S. 1- A malária, no início, para quem chega da cidade, parece um

fa tasma aterrador. A região é extremamente endêmica, o índice deve ser de 100% e a ditadura nada faz para saná-lo, nem sequer toma conhecimento. Antigamente distribuía-se alguns comprimidos entre a população, hoje, nem mais isto faz.

Nos primeiros seis meses tive quase uma malária por semana. Ficava prostrado, às vês não conseguia nem me levantar da rede para urinar. Os acessos da febre variavam de 39º a 40º. Aos poucos, porém, vamos nos adaptando, os acessos vão ficando mais espaçados e, hoje, conseguimos até viajar com febre. A malária deixa de ser aquele fantasma aterrador.

2. O modo dos homens da mata, os guerrilheiros, o receio de todo aquilo que vê a selva verde pela primeira vez e a falta de denominação do terreno..

3. Caititu e porcão, espécie de porco do mato e javali.

4. Gorge e guariba, macaco macho e fêmea, de carne deliciosa feita no leite da castanha e é um pouco menor que o chimpanzé.

5. Mutum, jacu, jacubim e jacamin. O mutum é uma espécie menor que o peru. É talvez uma das melhores carnes da mata. o jacu, jacubim e jacamin são aves do tamanho de um frango e de carne também bastante sabrosa.

6. Nestes dois meses de viagem comemos: um veado, quatro caititus, oito gorgos, três lapixós (tamanduá), vinte e três jabotis, um macaco cochiu, cinco mutuns, um jacu, um coati e um tatu.

7. Esta é a relação das coisa que conseguimos com a massa nossos dois meses:

- temperos e condimentos:- sal, pimenta, cebola, alho, pimenta do reino, salsa, quento, pimentão e cheiro verde.

- frutas:- mamão, banana, lima, laranja, goiaba, maracujá, castanha, cana, sapucaia, cacau e amendoim.

- comida em geral:- ovos, galinha, tomate, macaxeira, cará, inhame, maxixe, feijão, fava, farinha, mel, arroz, café, batata doce, puba lavada, quiabo, leite, cuzcuz de milho e abóbora.

- coisa as mais diversas:- chumbo para caça, querezene, panelas, pilhas, punho de rodo, agulha, linha, fósforo, fumo, saco branco, garrafa, algodão e etc.

- Talvez esta seja a única guerrilha na história, que no seu início, todos os guerrilheiros engordaram.

- "FOGUERA" QUE NÃO SE APAGA -

Doc do PC do B sobre o Araguaia.

Neste folheto conta-se a história resumida de um período da luta guerrilheira do Araguaia, desconhecida ainda da maioria da nação. Narra-se ao mesmo tempo a ação tenebrosa das Forças Armadas em missão repressiva no sul do Pará. Duas condutas, dois propósitos. Amor à liberdade e consciência dos direitos do povo, de uma parte; aversão à democracia e ódio às massas populares, de outra. Breve roteiro, retrata de longe o heroísmo e o significado da resistência armada aos desmandos da ditadura - acontecimento destinado a ocupar lugar de destaque entre os feitos gloriosos de que se orgulham os brasileiros.

* * *

Da epopéia do Araguaia participam elementos procedentes de diversos Estados.

Na quadra difícil por que passa a vida nacional, depois do golpe de abril de 1964, inúmeras pessoas de grandes centros urbanos procuram transferir-se para o interior. Fazem-no por distintos motivos. Umas, devido a perseguições políticas; outras, ansiosas de mudar o gênero de suas atividades; algumas tentando empreendimentos lucrativos; muitas por pioneirismo, brasilidade e espírito revolucionário. Precisamente o sul do Pará, em tal ocasião, atraía multidões de forasteiros. Era uma frente em expansão, procurada por camponeses sem terra e por gente que se dedica ao extrativismo e ao comércio, notadamente maranhenses, piauienses, cearenses, goianos, capixabas e mineiros.

Começamos, pois, falando daqueles elementos, diferentes tipos humanos, cujas iniciativas, experiências e aventuras se tornaram parte integrante da grande jornada revolucionária. Assim se dá também ligeira noção do território, dos problemas existentes, das iniquidades, de como vive, sofre e trabalha o povo.

No dia de Natal, 25 de dezembro de 1967, um "motor" corta as águas tranquilas do Araguaia que, nessa época do ano, é majestoso, muito largo e límpido, sobrevoado por ciganas e gaivotas. O barco aproxima-se da margem esquerda, encosta num lugar denominado Paveira. Dele desembarcam três pessoas; um homem de seus cinquenta e poucos anos, Mário; uma mulher também idosa, dona Maria; e um jovem de feições modestas e olhos brilhantes, Joca. Vão viver aqui, num sítio onde há muitas mangueiras e uma casinha de telha carcomida pelo tempo.

Semanas, meses após o Natal, novos moradores vão chegando à Paveira. José Carlos, de vinte e dois anos; Alice, que cursou a Escola de Enfermagem Ana Nery. Beto e Luís, este ex-estudante de Arquitetura, aquele, engenheiro

eletônico. Sempre viveram nas cidades. Tudo é novidade para eles. Só não é novo o desejo ardente de servir o povo, de se integrar com a população pobre do interior. Aspiram a conhecer a geografia, a fauna, sobretudo a selva misteriosa da Amazônia. A região aparece-lhes como se fora uma universidade diferente, em cujo campus se conhece melhor o outro Brasil, de mais de cinquenta milhões de habitantes.

De início, neste longínquo lugar, organizam um pequeno comércio. Compram e vendem. Compram o que os moradores produzem. Vendem aquilo que eles mais prementemente necessitam. Comércio sem pretensão. A margem de lucro escasso, assegura tão-somente a continuidade do negócio. Os lavradores não têm dinheiro. Tudo se realiza à base da troca. Trazem um saquinho de pano com amêndoas de coco-babaçu, ovos, uma franguinha. Mais tarde, arroz, fumo, castanha-do-pará, milho, mandioca, farinha. Procuram saber o quanto dá o pouco que trouxeram. Então fazem as compras: sabão, açúcar, sal, café, querosene, remédio - em quantidades diminutas. No local também se atendem necessitados de socorro-médico. Fazem-se curativos, salvam-se vidas da gente pobre que não tem substância de qualquer espécie.

Mais acima, em Araguatins, vive um negro simpático, alto de quase dois metros, conhecido por Osvaldo. Osvaldo Orlando da Costa que tem curso da Escola Técnica Nacional e do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva). Está na região desde 1966. Explorou garimpo em Itáimir. Realizou também inúmeras caçadas nas matas paraenses. Meses seguidos, com outros caçadores, embrenhou-se na selva atrás de onças, gatos-maracajás, caititus. Ou melhor, do couro precioso desses animais. Todos gostam dele. É simples, comunicativo, sempre pronto a ajudar quem quer que seja. Certa vez - contam as pessoas do lugar - passava por um barraco pobre, num "centro" distante. Parou para beber água. A dona do casebre lhe falou agoniada sobre a filha pequena que estava morrendo. Ela não tinha recursos. Se tivesse um dinheirinho salvaria a criança: - "A única coisa que tenho é este cachorro. Não quer comprar?" Osvaldo meteu a mão no bolso. Todo o dinheiro que possuía entregou à mulher. - "Bem, o cachorro é meu, mas a senhora fica tomando conta dele ..."

Em 1970, Osvaldo vai residir às margens do Cemeleira, afluente do Araguaia que desagua à altura da cachoeira de Santa Isabel, juntamente com dois amigos: Cid, um homem de quase sessenta anos e Zeca, mecânico de profissão. Depois vem Glênio, estudante pobre, e Sueli, uma jovem professora de origem japonesa. O local é uma capoeira antiga. Não tem nada. Os chegantes precisam fazer tudo, desde o barraco para morar. Pela redondeza não há muita

gento. O comércio mais próximo dista umas duas léguas. Meio de vida: roça o caça. Eles pretendem, entretanto, desbravar o terreno contíguo e organizar uma boa plantação. Todos mostram grande vontade de aprender com a massa pobre do lugar. Um dia (Osvaldo havia viajado) um morador vizinho, Darci, parou no barraco para conversar. Glênio, ingenuamente, pergunta-lhe se não há inhame onde ele mora. - "Inhame? Mas aqui adiante de sua casa tem, de plantação antiga". E foi com Glênio indicar o lugar. Ali, pacientemente, explicou primeiro a maneira de se conhecer a planta. Depois ajoelhou-se e começou a escavar habilidosamente a raiz. - "É assim que se tira, dizia. Não se pode fazer de outra forma, senão se fere o inhame e se perde uma boa parte". Era a primeira aula, prática, que os novos moradores recebiam. Aula de quem conhece a profissão, e ensina de muito bom grado.

A uns vinte quilômetros além de São Geraldo, defronte de Aruanã(Goias), mora Paulo Rodrigues, gaúcho calmo e sério, de trinta e três anos. Acompanha-o um operário, Daniel Calado, conhecido por Doca. Durante muito tempo, os dois trabalharam num comércio sui-gêneris. Subiam e desciam o Araguaia, em pequeno barco-motor - o "Carajá" - vendendo roupa, utensílios de pesca, miudezas domésticas. O barco era a sua casa. Conheciam bem a região ribeirinha, desde Conceição do Araguaia até Luiz Alves, muito adiante de São Felix. Agora, acomodam-se à margem esquerda do grande rio, perto do Caiano. Derubam, plantam. Começam a organizar uma fazendola.

Chegam outros amigos: Pedro, espírito empreendedor; Ari, ex-estudante; sua companheira Áurea, anos antes, campeã brasileira de natação. Vem, mais tarde, Dina e seu marido, Antonio, ambos geólogos, inscritos como cientistas no Ministério das Minas e Energia.

Nesses confins surge a primeira escola. Constituída pelos moradores, graças ao empenho de Paulo Rodrigues. Áurea torna-se a professora. No fim do ano, quarenta crianças haviam aprendido a ler. Ao encerrar-se o curso, houve festa. E choro. E gratidão dos pais e moradores à professorinha dedicada que recebia macaxeira, frutas, caça, batata-doce em pagamento das aulas ministradas.

Na mesma fazendola de Paulo Rodrigues passa a viver João Carlos Haas Sobrinho, médico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem 28 anos. Em 1967, fora para o interior do Maranhão. Residiu uns vinte meses na cidade de Porto Franco, margem direita do Tocantins. Ai não havia médico. Nem na cidade fronteira, do outro lado do rio, Tocantinópolis, bem maior que aquela. João Carlos abriu uma clínica que transformou num pequeno hospital. Atendia sem descanso todos que o procuravam. Em pouco tempo, sua

fama de médico e do homem bem corria a região. Era estimadíssimo. Mas tem que deixar o lugar. Seu retrato aparecera nos jornais de vários Estados com a legenda de subversivo, procurado pela polícia política. Quando anunciou seu propósito de sair, houve grande mobilização popular. Veio gente de todo canto pedir-lhe que ficasse. Ele não podia atender o pedido nem explicar os motivos de sua partida. Desculpou-se como pôde. Transferiu-se para a fazendola do seu amigo e conterrâneo, no rio Caiano. Ali chamava-se simplesmente Juca e se dizia enfermeiro. Apesar de evitar fazer algo que pudesse identificá-lo, vez que outra ultrapassava os limites. Uma tarde de domingo é chamado às pressas. Uma jovem do lugar sofria terrivelmente há vários dias com as dores do parto e não conseguia ter o filho. Juca examinou-a. Constatou a impossibilidade do parto normal. Para salvá-la era preciso fazer cesariana e ele não tinha os instrumentos para isso. Nem podia abrir o jôgo. Falou com a família da parturiente. - "Ela vai morrer, não pode ter a criança. Se vocês concordam vou tentar o impossível. E mesmo que se saia bem há ainda o perigo da infecção puerperal". Nesta altura já se havia esquecido que não devia deixar transparecer suas aptidões. Mais forte que a vigilância revelara-se a alma do médico. Queria salvar a jovem. E salvou-a.

Pouco a pouco, chegam outros rapazes e moças, de distintas origens sociais: operários, camponeses, estudantes, profissionais liberais. Cada qual por razões diferentes. Vários conheciam a violência desbragada nas cidades, a cara monstruosa e verde-oliva do fascismo. Para a Paveira e São Domingos das Latas vem Elenira, antiga dirigente da UNE e que se tornou conhecida por Fátima; Sônia, quartanista de medicina, uma jovem que fora criada num asilo de caridade. E Eunes, Zezinho, Landim, Piauí. Abrem roças a 8 e 10 léguas de distância da beira do rio. Valquíria e seu companheiro Idalício, ex-estudante de Psicologia que tocava violão, Cid, Flávio e Amauri vêm para a zona do Gameleira e Jacarezinho. E também Mariadina, Lia e Tuca, esta enfermeira qualificada. Na área de São Geraldo e do Caiano, chegam: Joaquim, antigo metalúrgico paulista que se revelara, em Goiás, farmacêutico e "médico" improvisado do interior, Vitor, Quelé (Kleber), Bergson e outros. Também Maria Lúcia.

A ocupação de quase todos é a roça e a caça - tal como a da maior parte da população. Vivem como vive o povo. Aprendem dia a dia. Com a natureza, com as massas. Transformam-se em moradores locais, gente simples e prestativa.

* * *

Não lhes foi difícil constatar que o sistema de vida e de trabalho,

nessa região, é primitivo. Nela não se chegou nem mesmo à idade da enxada. Domina o facão, que serve para tudo. Substitui o arado, a "plantadeira", a faca de picar fumo, a foice. Limpa-se o terreno com o facão, planta-se com o facão, colhe-se com o facão, prepara-se o alimento com o facão. E com o facão coça-se as costas, tira-se o bicho-de-pé, arranca-se o berne, briga-se. Sem facão não se constrói o casebre. O homem e o facão são inseparáveis. Até no arrasta-pé, o cavaleiro dança de facão à cinta. A espingarda de cartucho é também indispensável. Sem caça, as dificuldades aumentam. São muitos os lavradores que possuem sua arma de calibre 20 ou 36, velha, velhíssima, os cartuchos feitos em casa, com chumbo e pólvora comprada na cidade. A produção local é relativamente pequena, arroz, milho, mandioca, feijão, fava. Os produtores guardam pouco para o seu consumo. Vêm-se obrigados a vender mais do que devem para poder adquirir coisas que urgentemente necessitam. Todos trabalham, trabalham demais, mas apenas lhes sobram ninharias. A fome é crônica. As crianças andam nuas. São brasileiros esquecidos, analfabetos, doentes, abandonados à própria sorte.

Sucedem-se as injustiças, muitas revoltantes. O povo só é lembrado pelo governo na ocasião da cobrança de impostos. Todos os meses, o "motor" da Coletoria de São João do Araguaia sobe e desce o rio, levando o coletor, o delegado, um cabo e dois praças da Polícia Militar. Fisco e polícia, juntos. A tarefa é arrecadar impostos, multar, chantagear. Quando o lavrador não tem dinheiro, levam-lhe a criação ou os alimentos de que precisa. Os desatinos repetem-se. No Porto da Barca, defronte do Araguatins, dois moradores procuram transferir para o lado de Goiás o arroz que produziram, tentando evitar o ônus do governo paraense. Chega, na hora, o "motor" da Coletoria. O arroz é embargado. E os dois desgraçados são submetidos a um terrível suplício. De pé, separados por uma parede, com as mãos atadas às costas e amarradas as pernas do outro através de um buraco na parede, sem poder mexer-se, permanecem a noite inteira em torturante posição. Tripudia-se sobre as pessoas simples. A polícia usa diferentes processos de pressão e atemorização para extorquir os magros recursos dos plantadores. Na beira do rio, acontecem vários casos. O filho de uma mulher chamada Iraci foi a Apinagés, vilarejo situado na junção do Araguaia com o Tocantins. Ali embriagou-se e passou a desafiar o bate-pau. Coisa de bebado, sem maior importância. Mas o bate-pau não gostou. Chamou dois capangas e, conjuntamente, bateram no rapaz indefeso até matá-lo. Em Ponta de Pedra, povoado adiante de Paveira, morava um casal. O homem pescava, a mulher quebrava coco-babaçu. Viviam pobremente. Apareceu lá o bate-pau local: Zé Caroço. Discutiram por motivo fútil. No meio da discussão, o homem correu.

Zé Carçoço mete-lhe um tiro nas costas e mata-o. Raimundinho, irmão de Antonio Cachaça, morador de Brejinho, a duas léguas da beira, tomou umas pinges. O bate-pau viu que ele portava um revólver velho. Sacou do seu e exigiu que o do outro lhe fosse entregue. Raimundinho resistiu e conseguiu fugir. Dias depois chegavam soldados para tomar a arma e prender seu dono. O objetivo, porém, era a extorsão. Para suspender a ordem de prisão, exigem 75 cruzeiros. A vítima vendeu os últimos totens para satisfazer os policiais. Afonso, pai de família numerosa e lavrador exemplar, foi chamado à Ponta de Pedra para responder diante do bate-pau por uma queixa contra ele apresentada. Morando longe, não pôde ir. Então chegaram soldados e um cabo para levá-lo ao cárcere. Se não quisesse ir, teria de pagar 50 cruzeiros. Sem tostão, recorreu a Joca pedindo-lhe um empréstimo. Na ocasião, 50 cruzeiros correspondiam a 10 sacos de arroz com casca. Ninguém quer ser preso. A prisão de Apinagés, para onde são encaminhados os detidos, causa pavor. Assemelha-se a uma jaula de tigre. Feita de troncos de árvores enterrados no solo, sem soalho nem cobertura, verdadeiro martírio para os encarcerados. Enfim, casos de violências, abusos, extorsões e mortes são rotina.

A malária é também inimiga dos habitantes do sul do Pará. Há muitas outras doenças - a leishmaniose, os vermes, a frieira, os males venéreos. Mas o paludismo ataca a todos. E às vezes sob a pior forma - a terçã maligna. Acomete recém-nascidos, crianças, jovens e velhos. Há um serviço público chamado Campanha de Erradicação da Malária, a CEM, que existe apenas no papel. Os remédios são caros e o povo não pode comprá-los. É comum encontrar lavradores, castanheiros e madeireiros trabalhando dias seguidos com febre.

As febres atacaram também os chegantes. Joca e Zecarlos foram os primeiros. Tiveram terçã maligna. Mário, já idoso, teve duas terçãs e vários acessos de malária. Dona Maria tremeu com a sezão. Geraldo quase morreu, treze dias de febre entre 39 e 41 graus. Dina caminhou semanas curtindo a malária. Todos foram-se acostumando, ou melhor, aceitando o inevitável. O sistema de prevenção é precário: afugentar o mosquito com a fumaça e dormir de mosquiteiro, não tomar banho à noite no rio. Mas o mosquiteiro abafa, o calor incomoda.

* * *

Passam-se muitos meses, dois anos talvez. Os novos moradores estreitam suas relações com o povo, identificam-se com ele. São estimados e estimam sinceramente os que conhecem. Amizade não se consegue da noite para o dia.

Vai-se forjando com o tempo. Uma ajuda aqui, outra acolá, o respeito às pessoas, a atenção que se lhes presta na conversa, o interesse pela sua vida, o conselho que se ouve dos que habitam o lugar, o desejo de aprender com a massa - tudo isto vai tecendo os fins invisíveis da amizade. Os lavradores contam suas agruras, seus ossos. Uma vizinha costuma dizer que ela só conhece o lado mau da existência. - "Já passei por tudo que se pode imaginar de ruim". Outros contam estórias fabulosas de entes sobrenaturais. Muitos falam de perseguições e exploração. As mulheres referem-se sempre aos filhos que perderam por falta de assistência. Com o caminhar dos meses, as provas de afeição se rebustecem. Os chegantes transformaram-se em gente do lugar, membros de uma comunidade pobre e desprezada. Alguns são mesmo muito queridos: Sônia, Zecarlos, Joca, Piauí, Geraldo, João Carlos, Paulo, Dina.

Eles preocupam-se em conhecer a região. Conhecê-la, porém, não é problema tão simples. A mata começa a duas léguas, às vezes uma, da baixa do rio. No seu interior há roças e barracos. E muito mais para o fundo, castanhais. O caminho é a picada, por onde passa gente e por onde passa o jegue. Estreita e, geralmente, difícil até de encontrar. A selva é quase toda igual. Nela há milhares de grotas, secas ou com pouca água na época do verão, transbordantes no período das chuvas. Parecidas umas com as outras. Na região, existem onças, gatos-maracajás, porcão(queixada), caititus, capivaras, antas, veados, pacas, macacos. Aves de diferentes tipos e cores - araras, galhas, jacus. E cobras: a jibóia que passa dos 6 metros; a sucuri que chega aos 10 metros; a surucucu venenosíssima que alcança 2,5 a 3 metros de comprimento; a jararacuçu em alguns brejos e capoeiras; a cipó que se confunde com a vegetação. Escorpiões e aranhas venenosas. Morcegos (vampiros). E uma infinidade de galhos podres nas árvores, pesados, despencando ao sopro mais forte do vento. Nos castanhais, durante a safra, a queda de um ouriço, se atinge uma pessoa, pode alijá-la ou matá-la. Quem entra na mata está arriscado a perder-se. Mesmo aqueles que a conhecem bastante sucede desorientar-se e custar a encontrar uma saída. A floresta, porém, tem seus segredos e suas leis que podem ser conhecidas e dominadas.

Os novos moradores do Araguaia enfrentam essa tarefa. Na Pavreira, Zecarlos e Cid são pioneiros. No Gameleira, além de Osvaldo que já a dominava, Flávio, Amauri, Valquíria. No Caiano, Paulo Rodrigues, Pedro, João Carlos. Outros tornam-se mateiros experientes: Joca, Piauí, Beto, Landim, Zezinho, Manuel, Sueli, Dina. Aprendem a orientar-se pela bússola, pelo sol e outras estrelas, por pontos de referência. São capazes de viajar dezenas de léguas, dentro da mata, e chegar precisamente onde desejam.

Eles preocupam-se também com a sobrevivência na selva. Sabem que o índio vive aí há muitos séculos. E que caçadores vão do Araguaia ao Xingu numa pressa que dura meses. Levam apenas farinha, sal, o remédio indispensável e a munição. O resto é fornecido pela mata. Nesta região há babaçu, que dá óleo e excelente palmito; castanha-do-pará que contém proteína. Não existe muita fruta, mas em certas épocas do ano encontram-se algumas: cajá, açaí, bacaba, caju-de-janeiro, cacau, tatajuba, cupuaçu. Portanto a vida é possível. Todavia, para sobreviver é preciso caçar, conhecer a manha e o hábito dos bichos, pescar, utilizar tudo o que seja digerível. Isto exige prática. Os novos moradores fazem sua aprendizagem. Ocorrem fatos jocosos. Manuel, recém-chegado, percorre o Gamelairinha quando vê um jacaré em cima de uma pedra, dormitando ao sol. Faz pontaria, atira. O jacaré não se dá por achado. Parece morto. Manuel chega perto e, desconfiado, larga com força o fação sobre o bicho que reage com uma violenta rabanada e cai n'água embolado com o caçador improvisado. O jacaré se mandou, mas Manuel ganhou fama de homem que brigou com jacaré. Zecarlos também fez das suas. Caçava pela primeira vez em companhia de Osvaldo. Este, em dado momento, pede-lhe que vigie uma toca onde se refugiara um caititu. Zecarlos ficou firme, de arma nas mãos, olho na toca. Quando menos esperava, o animal disparou, passou entre suas pernas e jogou-o no chão. Dizem que houve quem atirasse em jabuti, inofensivo e de caminhar lento. Talvez seja piada, mas bem pode ter acontecido. Os novatos aprendem que o guariba, quando o tiro não pega de jeito, enrola o rabo num galho e mesmo morto não cai. E que se pode, outrossim, caçar sem usar arma. Nelita, por exemplo, aplica uma invenção local - espécie de cesto de cipó trançado que se coloca no buraco do tatu. Ao sair, ele cai na armadilha. Muitos não sabem que se come cobra. Mas sabem que a teoria do índio é esta: matou, comeu. Sim; também se come cobra, como se come onça e até tamanduá. Quanto à sede, e se ela ocorre num lugar onde não existe água? Logo se convencem de que a mata possui inúmeros cipós que contêm água de boa qualidade. Quem os conhece não passa sede. Há cipós venenosos, fáceis porém de distinguir.

Em dois, três anos de vivência na região, os novos moradores haviam aprendido muita coisa. Meio caminho andado para superar dificuldades.

* * *

Espíritos voltados para a pesquisa e o conhecimento da realidade, sentem a necessidade de discutir os problemas que afligem o povo. Equacionam soluções, formulam sugestões. Todos esbarram, porém, no muro de pedra do regime

político-econômico. O interior é o fim do mundo. Nenhum governo se interessa pelo seu progresso. Ao contrário, procuram mantê-lo no atraso. A terra como em toda a vasta zona de campo do Brasil, constitui a questão fundamental para a população laboriosa. Mas aqui, com os métodos empregados, um pedaço do chão não resolve ainda o problema do lavrador. Cada dois ou três anos, no máximo, o possessor tem que ir adiante, derrubar novas áreas para plantar. Porque a terra é pobre e mal lavrada. Nunca viu adubo nem plantio racional. O transporte da produção e sua comercialização encontram tremendos obstáculos. O burro e o jegue são os únicos veículos utilizados. Um animal carrega dois sacos de arroz (o jegue, menos) e deve conduzi-lo a várias léguas de distância. Vinte sacos de arroz demandam dez caminhadas, do burro e de quem o acompanha. A grande maioria dos plantadores não tem animal, recorre a tropeiros. O comprador do produto é um intermediário que o revende a outro intermediário. Paga cinco cruzeiros o sacco. A venda de um sacco de arroz, que exigiu tanto trabalho para ser produzido, não dá para comprar meio quilo de café, ou um facão, ou um par de botinas. Boa parte da produção local é constituída pela castanha-do-pará. Mas os castanhais pertencem aos poderosos. O povo pobre participa da produção simplesmente como castanheiro, pessoa que vive na mata durante a safra, colhe os ouriços, quebra-os, lava a castanha e deposita-a em lugares apropriados. Recebe uma insignificância pelo trabalho. A castanha alcança de 60 a 80 cruzeiros o hectolitro em Marabá. Ao castanheiro dão apenas 8 a 10 cruzeiros pelo hectolitro colhido. Toda a despesa é por sua conta. Os gêneros que adquire no barracão do castanhal custam o triplo do preço corrente nas cidades próximas. Outra atividade é a extração da madeira, sobretudo do mogno. A exploração, realizada por grandes firmas, destina-se a exportação. O madeireiro derruba a árvore a machado. Dois, três mil golpes por árvore. Ganha igualmente uma insignificância. O pagamento é feito em "bagulhos", isto é, artigos fornecidos aos trabalhadores pela empresa a preços exorbitantes. O povo, aqui, precisa de ajuda de diferentes tipos. E escolas, assistência médica e dentária (é enorme o número de pessoas que sofrem de dor de dente). Necessita estradas, animais. Como consegui-los? De que maneira organizar a produção e a vida comunitária nestas paragens? Os pesquisadores chegam à conclusão de que a solução dos problemas difíceis das massas pobres do interior reclama a liquidação da prepotência, dos abusos e violências, da grilagem desenfreada, de todo o sistema de opressão e exploração dominante. A conquista da liberdade é meta importante. Porque só a liberdade permite a organização do povo, o debate amplo, a formulação de reivindicações, a criação de associações e sindicatos, o desenvolvimento da coletividade. É essencial para impulsionar a luta e elevar a consciência popular.

Ao mesmo tempo que investigam e estudam, os novos moradores organizam sua vida social e cultural. Tomam iniciativas diversas. Entre outras, o debate de temas de sentido político e de cultura popular. No fim do ano de 1971, os residentes no Gameleira organizam uma festa de confraternização. Reunem-se no castanhal do Ferreira, onde há uma palhoça acolhedora e uma clareira bem espaçosa. Na véspera haviam caçado um veado e dois caíritos. Um lauto repasto. Durante o dia, realizam provas esportivas, cantam canções de combate ou músicas de Chico Buarque como "Amanhã Será Outro Dia". Idalício toca violão. À noite, de belo luar, uma surpresa: Tuca e Valquíria, cada uma de seu lado, bolaram um show, uma espécie de teatro de cordel. Um espetáculo inteligente, cheio de verve, de crítica e de sátira aos defeitos da vida coletiva. Osvaldo, imponente e comovedor, recita Gonçalves Dias - "Temeste a morte?/Meu filho não és". Reina entusiasmo e alegria no castanhal. Meio noite de 31 de dezembro, ressoa na floresta um brado forte: Vivam os que combatem pela liberdade em todo o mundo! Dezenas de vozes respondem em coro. Uma salva de 20 tiros de revólver saúda a entrada do novo ano.

* * *

Enquanto isto, a construção da Transamazônica progride do lado do Pará. Como cogumelos depois da chuva, aparecem os grileiros. Grilagem por estas bandas sempre foi fenômeno comum. Mas agora assume características de uma operação gigantesca, apoiada pelo governo que pretende a implantação na área de empreendimentos capitalistas financiados pelos incentivos fiscais.

Chegamos, aqui, aos primórdios da luta.

De repente, desaparece o relativo sossego dos posseiros. Toda a terra, vastas extensões passam a ter donos que nunca antes andaram por estas plagas. Nenhum deles apresenta documento de propriedade. "É minha". E só. Antigos moradores vão sendo enxotados dos lugares em que vivem. Somente na circunvizinhança do igarapé dos Perdidos, na zona do Caiano, 200 famílias são intimadas pela polícia e por pistoleiros a abandonar seus lares. Assim o exige o grileiro Antoninho que possui uma serraria em São Geraldo. No Gameleira, apareceu um tal de capitão Oliato que se diz da Aeronáutica. Expulsa os que vivem na margem direita do rio, sem indenização alguma, e declara que a margem esquerda também está incluída em seu projeto aprovado pela SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), João da Enequina teve seu barraco queimado e sua roça destruída.

Estas ações criminosas já se vinham repetindo noutras zonas próximas. A CODEARA, poderosa empresa protegida dos governantes, que domina 196 hectares, utilizava bandidos e policiais para desalojar antigos agricultores de Santa Teresinha, na margem esquerda do Araguaia. Em São Domingos do Capim, 600 famílias de lavradores eram expulsas de suas glebas pelos donos da fazenda Paraporã que destruíram roças e casebres. De uma área de 400 mil hectares ocupada por John David, coronel reformado da Força Aérea Norte-Americana, na PA-70, município de Paragominas, a polícia retirou violentamente antigos habitantes.

As Forças Armadas dão cobertura à ação dos grileiros. Sentindo que cresce o ódio contra as expulsões arbitrarias, o Estado-Maior do Exército programa uma espetacular manobra militar na região do Araguaia e do Tocantins, coisa jamais vista por lá. Em fins de 1970, ocupa Imperatriz e Marabá. O inimigo hipotético são os subversivos ... Durante toda uma semana a região é batida por helicópteros. Tropas pára-quedistas descem em vários pontos. E à vista dos residentes de Marabá, os soldados lançam bombas de napalm em barracos previamente construídos para esse fim. Com semelhante manobra, o Exército procura amedrontar os posseiros, dissuadir possíveis resistências. Prepara-se também para atacar.

A inquietação vai tomando conta dos pacatos moradores do sul do Pará. Dezenas de lavradores da zona do Caiano procuram Paulo Rodrigues para discutir a situação. Querem resistir à intimação do grileiro Antoninho. No Gameleira, muitos buscam contato com Osvaldo para pedir-lhe conselhos. Zecarlos, igualmente, é ouvido. A massa fala em cativoiro, diz que o que está sucedendo se parece com a volta ao cativoiro. Muitos recordam casos que lhes aconteceram em outros lugares. Dona Hilda, rezadeira de fama, espalha a profecia do Padre Cícero. Antes de morrer, o Padre teria dito que, nos anos 70, o Araguaia iria pegar fogo e quem não morasse do lado do Pará não mais poderia ali chegar. E aduzira, devia-se plantar coisas que ficassem debaixo do chão para garantir o alimento e resguardá-lo da fúria dos atacantes.

O ambiente torna-se tenso, todos esperam a qualquer momento o emprego da força pelos grileiros, com o apoio do governo. Algumas pessoas ainda pensam que o Exército poderá defendê-las. Outras dizem que farda só trás desgraças. Os fatalistas afirmam que pobre nasceu p'ra ser enxotado. Há também os que guardam silêncio, um silêncio feito de ódio. Osvaldo mobiliza seus amigos. Zecarlos, idem. Outro tanto, Paulo Rodrigues. São os elementos mais considerados na região. Fazem-se preparativos. Se o inimigo atacar, como proceder? Todos recebem instruções. Intensifica-se o treinamento que se adapta às características da luta na mata. Que é afinal uma emboscada? Uma ação de fustigamento? De

contenção? Como se faz uma marcha protegida? E um acampamento sem deixar rastro? Alerta-se que se deve ser duro com o inimigo, mas os feridos e os prisioneiros têm que ser respeitados. Os combatentes do povo se apoiam no povo, nas massas está a sua força. Por isso, é sagrado tudo o que pertence aos moradores. E quem combate, trabalha também para não sobrecarregar a população laboriosa. Participa da produção e ajuda no que puder.

* * *

Nos primeiros dias de abril de 1972, fatos estranhos ocorrem em Xambicá, São Geraldo, Paveira, São Domingos das Latas e Araguatins. Uns tipos esquisitos aparecem indagando sobre os moradores que se opõem decididamente à grilagem. Querem saber quem são, onde estão e como chegar até eles. Os lavradores rapidamente dão o alarme. No dia onze, Sônia é chamada para atender uma criança doente numa choupana um pouco distante. Seus companheiros acham melhor que ela não vá. Que os pais tragam a criança. Depois se verificou ser uma cilada preparada pelo Exército. Enganando os donos da choupana, pretendia agarrá-la isoladamente.

Dia 12, as tropas iniciam o ataque aos habitantes da zona da Paveira e de São Domingos das Latas. Prendem diversas pessoas. Às 12 horas, cerca de vinte soldados bem armados, em formação de combate, tomando cautelas, chegam ao barraco onde residem Zecarlos, Nunes, Piauí, Zezinho, Sônia e Fábio. Não encontram ninguém porque todos se internam na mata, incluindo Mário que, no momento, ali se encontrava. Os retirantes conduzem consigo o que podem.

Dia 14, o Exército ataca o pessoal da área do Caiano e de São Geraldo. Começa pelo local chamado PAU PRETO. Os soldados estão vestidos de roupa azul para despistar. Mas não conseguem prender os que ali vivem. Empregam a violência indiscriminada contra a população. No caminho, encontram Geraldo, do Gameleira. É detido. Amarrado a uma árvore, submetem-no a prolongadas torturas.

Uns dez dias depois, o Exército assalta também os moradores do Gameleira. Osvaldo e seus companheiros já se haviam retirado para a mata.

A operação vai-se ampliando contra as massas da região. Muitas casas são queimadas, paióis de arroz e milho, destruídos. Em certos lugares, até as árvores frutíferas são cortadas. Dezenas de lavradores vão presos.

A soldadesca penetra na floresta, movimentando-se pelas picadas, beiras de grotas, estradas, ou emboscando-se nas proximidades do roçãõ. 0

grosso da tropa fica na Transamazônica, nas cidades de Xambicá, Marabá, Araguatins e nos povoados ribeirinhos. Igualmente nas fazendas e sedes de castançais. Utiliza aviões, helicópteros e lanchas da Marinha de Guerra.

A repressão se encarna bestialmente. Em Araguatins, uma mulher presa no mercadinho e surrada no meio da rua. Ela topara uma provocação. Levantara sua voz para dizer que Osvaldo não era nenhum bandido, mas a pessoa mais séria, mais honesta, mais prestativa da região. Baiano, um caboclo alto e forte, que fazia comércio em barco-motor também é preso em Araguatins. Acusado de ter negociado com os habitantes da Paveira, espancam-no brutalmente, deixam-no amarrado numa árvore no centro da cidade, durante dois dias. Na Palestina, localidade próxima de Santa Isabel, o Exército volta-se contra padres e freiras, além dos residentes do povoado. Um padre é esbofeteado por um oficial do Exército. Em seguida, colocado com uma freira num jipe, cada um com uma corda amarrada ao pescoço, bem esticada, e atada ao carro. Com os solavancos, havia o risco de se enforcarem. Padre Roberto e a irmã Maria das Graças são levados para a prisão de Xambicá. Acusam-nos de apoiar os guerrilheiros. O bispo de Marabá, d. Estevan, e frei Gil que o acompanha ficam detidos vários dias na Transamazônica. Nas cidades e vilas de toda a região implanta-se um clima de terror. As estradas que demandam o sul do Pará estão bloqueadas, veículos e passageiros sujeitos a rigorosa revista.

* * *

Começa então a organizar-se a resistência armada. Os que tinham escapado para a mata, coordenam-se e criam três destacamentos: o A, sob o comando de Zecarlos; o B, sob o comando de Osvaldo; e o C, sob o comando de Paulo Rodrigues. Organiza-se uma Comissão Militar para articular e orientar a atividade dos destacamentos. À sua frente, é colocado o antigo morador Mário, que primeiro chegara à Paveira, em 25 de dezembro de 1967. Edita-se o Regulamento Militar de constituição das Forças Guerrilheiras do Araguaia, integradas por destacamentos compostos de vários grupos, sendo estes as unidades de base. As relações entre os combatentes são definidas como "democráticas e regidas por alto espírito de camaradagem, solidariedade e respeito mútuo". Publica-se o Comunicado nº 1. Aí se lê: "Diante do criminoso ataque das forças armadas governamentais, muitos habitantes das zonas de São Domingos das Latas, Brejo Grande, Araguatins, Palestina, Itamirim, Santa Isabel, Santa Cruz e São Geraldo resolveram não se entregar, armar-se com o que puderem e enfrentar corajosamente o arbítrio e a prepotência do Exército e da Polícia. Com tal objetivo, internaram-se nas matas do Pará, Goiás e Maranhão

para resistir com êxito ao inimigo muito numeroso e melhor armado. A fim de desbaratar as operações militares da ditadura, defender suas vidas e desenvolver sua luta pela posse da terra, a liberdade e uma existência melhor para toda a população, decidiram formar destacamentos armados, criaram as Forças Guerrilheiras do Araguaia". Constitui-se também a União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo que lança um programa intitulado "Em Defesa do Povo Pobre e pelo Progresso do Interior". Nele formulam-se as reivindicações da população local. E se indica o caminho da união, da organização e da luta como o meio para alcançá-las. "A ULDP convoca a todos, homens e mulheres, jovens e velhos para lutar com energia e entusiasmo por este programa de reivindicações mínimas. Chama os habitantes do interior a ingressar em suas fileiras e a levar adiante a revolução popular. É hora da decisão, de acabar para sempre com o abandono em que vive o interior e para pôr fim à vida de padecimentos sem conta de milhões de brasileiros esquecidos, humilhados e explorados". Assim, desde o início, as Forças Guerrilheiras estruturam-se como expressão dos sentimentos e dos interesses das massas, intimamente a elas ligadas.

Os passos iniciais estão dados. A guerrilha - forma antiga de combate dos oprimidos e espoliados, dos que dispõem de poucos recursos, hoje empregada amplamente na Ásia, África e América Latina, vitoriosa em muitas refregas - surge também no Brasil, em áreas de mata, no longínquo sul do Pará. Os combatentes apresentam-se para enfrentar o inimigo.

* * *

O primeiro choque ocorre com integrantes do Destacamento B. Em fins de abril, Osvaldo e outros companheiros defrontam-se com um grupo do Exército numa picada que vai para Santa Cruz. Há rápida troca de tiros. Metralhadoras, de um lado; velhos rifles 44, do outro. Um sargento é morto e um soldado ferido. Os demais fogem. Osvaldo e seu companheiro saem ilesos da contenda.

Em maio, um grupo dirigido por Bergson, do Destacamento C, acampa num lugar chamado Água Bonita, na região do Caiano. No dia seguinte o Exército ataca-o. Trava-se tiroteio e um soldado tomba gravemente ferido. Um dos componentes do grupo é aprisionado, os outros retiram-se em ordem.

Dias depois, cinco guerrilheiros chefiados por Paulo Rodrigues caem numa emboscada. Lutam com denodo e conseguem escapar. Um dos combatentes, porém, perde a vida. Bergson é o primeiro a derramar seu sangue, ardente e ge-

neroso, pela causa da liberdade. Valentemente, ele dispôs-se a cobrir a retirada dos companheiros. Antes de morrer, atinge um tenete do Corpo de Páraquodistas do Exército que fica gravemente ferido.

O Exército prende um lavrador de nome Lourival Paulino. Acusa-o de participar das guerrilhas. Mais tarde, ele aparece enforcado. Assassinaram-no.

Em meados de maio ocorre um choque na mata entre um grupo de pára-quedistas, do Rio de Janeiro, e uma patrulha do 2º Batalhão de Infantaria da Selva, de Belém. Depois de intenso tiroteio, um sargento pára-quedista é gravemente ferido. O lavrador que servia de guia forçado aos pára-quedistas foi acusado de conivência com os guerrilheiros. Selvagemmente espancado, com o rosto desfigurado, segue preso para a base militar de Xambicá.

Na primeira quinzena de junho, três elementos do Destacamento C realiza uma ação desafortunada. Haviam pedido a um conhecido, de nome Coioió, que lhes fizesse uma pequena compra em São Geraldo. Três dias depois voltariam para apanhá-la. Uma noite antes do dia marcado, acampam a uns duzentos metros da casa, no mato. Tudo é silêncio. Pela madrugada ouvem barulho de burros chegando. Manhã cedo, aproximam-se tomando precauções. À frente vai Maria Lúcia. Cerca de cinquenta metros da casa recebe um tiro. Tomba com a arma na mão, em plena juventude. Seus dois companheiros amoitam-se. Dez minutos após, os helicópteros metralham a esmo os arredores da casa. O Exército havia ocupado o lugar, possivelmente por indicação de Coioió.

Em fins de junho, o Destacamento C realiza uma operação contra a sede de um castanhal. Objetivo: conseguir gêneros alimentícios, querosene e pilhas para lanterna. É comandada por Paulo Rodrigues. O Destacamento aproxima-se do local, cerca-o, domina os vigias. O administrador é intimado a entregar as mercadorias necessárias. Uma vez obtidas, os guerrilheiros fazem propaganda revolucionária. Contam com a simpatia de peões e empregados do castanhal.

Em princípio de julho, um pequeno grupo do Destacamento C, dirigido por Ari, tiroteia com o inimigo. Morre um soldado. O grupo não sofre baixas.

Também em princípios de julho, o combatente Quelé (Kleber), do Destacamento C, é localizado e preso. Ele não aguentara a caminhada que fazia devido a um fístula de leishmaniose na perna. Afasta-se da estrada e acomoda-se na mata para descansar e esperar ajuda dos companheiros. O bate-pau Pernambuco, tipo odiado pelas massas, que passava ocasionalmente por ali, ouviu o barulho de gente quebrando ouriço de castanha. Avisa o Exército que não tarda. Quelé tenta defender-se mas é alvejado no ombro e em seguida preso.

Levam-no a um "centro" chamado Abóbora e o torturam barbaramente. Chega a ser amarrado num burro e por este arrastado. Levanta sua voz de combatente da liberdade, "Abaixo a Ditadura!". Os fuzileiros navais matam-no a golpes de baioneta.

Três elementos do Destacamento C, dirigidos por Mundico (Rosalino), defrontam-se, na mata, com um bate-pau, filho de um tal José Pereira, que vinha acompanhado de outro capanga. Esse indivíduo propalava que o Exército lhe oferecera mil cruzeiros por guerrilheiro morto. Desde então embrenha-se na selva para caçar suas vítimas. Rosalino grita-lhe o célebre "mãos ao alto", Rapidamente, o bate-pau saca da arma. Recebe, porém, um tiro, estrebucha no chão. Sua morte causa pânico entre os bate-paus de toda a zona.

Ainda em julho, um grupo guerrilheiro do Destacamento B, chefiado por João Carlos, encontra-se com uma patrulha do Exército, próximo da Grota Vermelha. No tiroteio que se segue, João Carlos é atingido por duas balas: uma na perna, outra na coxa. Já ferido, brada aos companheiros: "Fogo nessa canalha!". A patrulha foge. João Carlos interna-se na mata, onde fica vários dias em repouso até recuperar-se.

Mas Idalício, que se perdera do grupo chefiado por João Carlos quando fazia uma caçada e se abrigara em casa de um morador no "centro" do Peri, é descoberto pelo Exército. Atiram sobre ele. Idalício defende-se. Descarrega o revólver, atirando, quando tenta recarregá-lo é alvejado e morto.

* * *

Termina a primeira campanha contra as Forças Guerrilheiras do Araguaia. Três meses de luta desigual. Os guerrilheiros não tinham experiência militar, mas revelaram bravura e fibra de revolucionários. O sangue derramado não terá ocorrido em vão. Seu moral é excelente e mostram-se decididos a prosseguir na resistência armada. Em carta dirigida a uma personalidade do sul do Pará, datada de 20 de julho, assinalam: "Sejam quais forem as vicissitudes que teremos de passar - a fome e o cansaço; os ferimentos; as doenças e a morte; a prisão e a tortura - não arriaremos nossa bandeira. Ninguém poderá abafar as profundas e arraigadas aspirações de liberdade do povo brasileiro, do qual somos legítimos representantes. Onde há opressão sempre há de existir resistência e luta. As causas justas, mais dia, menos dia, triunfam. Hoje, em nosso país, combate-se e morre-se pela liberdade". Desde o primeiro momento, os guerrilheiros contam com a simpatia e o apoio caloroso da população. O Exército não conseguiu seus objetivos. Pensava liquidar os rebeldes numa rápida in-

vestida. Fracassou. Retirou-se para as cidades próximas. Foi preparar nova ofensiva.

* * *

As Forças Guerrilheiras do Araguaia denunciam à nação o ataque do Exército aos moradores do sul do Pará e esclarecem os propósitos que as animam. A denúncia consta de uma carta enviada a um deputado federal, datada de junho. "Compreendemos - diz entre outras coisas a carta - que a luta aqui encetada não tem caráter somente local. É um aspecto da grande luta contra a ditadura em que está interessada a maioria da nação. Não foi unicamente contra nós que os generais investiram. Há muito tempo já, eles declararam guerra a todo o povo brasileiro, submetendo-o a um regime intolerável. Sabemos o quanto é grande o número de pessoas de diferentes condições sociais que passaram pelos cárceres e são condenadas por "crime político". A tortura e o assassinato de patriotas transformaram-se em rotina nos interrogatórios policiais. Vive-se sob o arbítrio do Ato Institucional nº 5 que anula o exercício do mais rudimentar direito do cidadão. Nossa Pátria é, hoje, um vasto acampamento militar, onde não há lei nem respeito pela pessoa humana". E na parte final. "Juntamo-nos a todos os que neste imenso e querido Brasil levantam a bandeira da liberdade e pugnam pela derrubada do governo tirânico e antinacional imposto por um golpe militar. Em plena floresta, caçados pela ditadura e enfrentando mil dificuldades, sonhamos com a democracia e a independência da Pátria. Temos fé no futuro radioso do Brasil, livre da opressão, do atraso e da ignorância. Mas sabemos que este futuro só poderá ser alcançado pela união e pela luta de todos os seus filhos".

* * *

Em setembro de 1972, as Forças Armadas da ditadura voltam para a segunda campanha. Empregam efetivos de 8 a 10 mil homens sob o comando dos generais Viana Moog e Antônio Bandeira. Numa reportagem do dia 24 de setembro, o jornal "O ESTADO DE S. PAULO" dá uma relação das unidades em operação no Araguaia. São elas: Batalhão de Guarda Presidencial; 8º Grupo de Artilharia Anti-aérea; Regimento de Cavalaria de Guarda; Polícia do Exército, de Brasília; 10º Batalhão de Caçadores, de Goiânia; 6º Batalhão de Caçadores, de Ipameri; e 36º Batalhão de Infantaria, de Uberlândia. Além destas, há também forças do Comando Militar da Amazônia e da 12ª Região Militar. Afirma a re-

portagem que, da Aeronáutica, há unidades da 1ª Zona Aérea, de Belém; da 6ª Zona Aérea, de Brasília; e da 3ª Zona Aérea, do Rio de Janeiro. Da Marinha, segundo ainda "O ESTADO", toma parte uma tropa do Grupamento de Fuzileiros Navais, de Brasília. Agora - diziam os generais - seria para valer; as Forças Armadas não admitiriam desafios.

As tropas ocupam estradas, fazendas, sedes de castanhais, roças, a aldeia dos índios Suruí. Abrem algumas picadas na mata. Utilizam helicópteros e aviões. Recrutam bate-paus locais aos quais pagam diária de 25 cruzeiros. Distribuem boletins dirigidos aos guerrilheiros, destacando que "era inútil prosseguir no caminho da luta" e insistindo no conselho dos que se julgam todo-poderosos: "Entreguem-se". Em Xambicá, cavam enorme fossa, cercado de arame farpado, no qual encerram muitos moradores suspeitos de apoiarem a guerrilha. Repetem-se as prisões em toda a região. Arrancam-se as armas de caça dos lavradores. Para tentar enganar as massas, o Exército realiza, paralelamente, uma Operação ACISO, que se incumbe de dar algum remédio à população, extrair dentes, atender enfermos. O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) comparece também, alardeando demagogicamente a distribuição de título de propriedade aos posseiros.

As ações militares começam com o lançamento de várias bombas na mata circunvizinha do povoado de Palestina, onde se encontra o Destacamento B. Destinam-se a amedrontar os combatentes populares.

As Forças Guerrilheiras do Araguaia tinham feito progresso no conhecimento do terreno, na preparação militar, na organização do abastecimento. Estavam muito mais ligados às massas. Suas armas, no entanto, continuavam precárias. A disparidade da força entre elas e o Exército é enorme. Muito justamente, decidem evitar o contato com o inimigo. Resguardar-se, contribuiria para desmoralizá-lo. Mas têm em mira realizar determinadas operações com o fim de intranquilizar o adversário.

Guerrilheiros do Destacamento B fazem uma ação de fustigamento contra o inimigo na picada que leva à Santa Cruz. Atiram quando passam os soldados. Matam um, os outros debandam.

Cinco guerrilheiros, sob a direção de João Carlos, ao passar pelo local denominado Franco, recebem abruptamente a ordem de: "Rendam-se". Num instante, Flávio responde à intimação com um tiro que atinge um dos soldados, ferindo-o gravemente. E se retiram, sem baixas.

Esse mesmo grupo, no dia seguinte, tenta arrancar de uma árvore um cartaz afixado pelo Exército. Aparecem soldados. Há troca de tiros, as praças

dobandam.

No dia 20 de setembro, morre Cazuza, do Destacamento C. Confunde algumas pessoas acampadas na mata com companheiros seus. É metralhado quando delas se aproxima. Cazuza era bom mateiro, bom caçador, bom lavrador, sabia tratar como poucos as doenças da região. Muito querido no norte de Goiás, gozava de larga estima entre os moradores do sul do Pará.

Tombam também o preto Chaves e Vitor num reencontro com forças do Exército. Chaves, já idoso, ex-marinheiro, vinha do movimento aliancista de 35; Vitor, bancário, um ano antes tinha sido preso e torturado. No embate, o geólogo Antônio é gravemente ferido. Aprisionado, levam-no para São Geraldo. Ali aplicam-lhe incriveis torturas para obter informações. Mas Antônio portase heroicamente. Grita-lhes na cara, repetidas vezes, "Abaixo a Ditadura!". Matam-no.

No dia 29 de setembro, num encontro casual, cai a jovem guerrilheira Elenira. Elenira Rezende de Souza Nazaré. Juntamente com outro companheiro, ela montava guarda, num ponto alto da mata onde havia uma estrada, a fim de assegurar a passagem sem surpresa do Destacamento A que ia deslocar-se de zona. No momento em que tomara posição, vinha chegando a tropa, com dois "batedores" à frente. Seu companheiro vê primeiro e aciona a arma, que falha. Ele escapa. Elenira não percebe o que está sucedendo. Quando nota, já os soldados se acham diante dela, apontam-lhe a metralhadora. Atira, sem vacilar, com uma espingarda calibre 16, matando um dos atacantes (sargento do Exército). O outro metralha-a, atingindo-lhe as pernas. Assim mesmo ela saca do revólver e fere gravemente o agressor. O lugar em que se encontra vira uma poça de sangue. É presa e torturada selvagememente. Querem que fale. Até morrer, repete somente: "Os companheiros me vingarão". Desde então, o Destacamento A leva seu nome.

Zecarlos e Nunes, procurando local apropriado para uma emboscada, são vistos pela tropa. Uma dezena de soldados persegue-os. Eles se defendem. Ambos chegam a sofrer arranhões de bala, mas escapam.

A 30 de setembro, o grupo de João Carlos é atacado de surpresa, próximo à casa de um lavrador na região do Caiano. Ele se dera conta de que havia muitos soldados na área, mas não recua e prossegue na tarefa que se propusera. Corajoso que é, tenta, assim mesmo, estabelecer contato com um velho conhecido em busca de apoio, o que obtém. Já na retirada, e bem mais distante, ocorre o acidente. João Carlos e Flávio são mortos. Gil, que se abaixara para socorrer o companheiro caído, recebe um tiro no queixo. Amarra o rosto com o

lanço e continua combatendo. Vai tombar um quilômetro além. O golpe é duríssimo. Semana antes João Carlos escrevera uma carta aos habitantes de Porto Franco e Tocantinópolis, recordando o período em que lá vivera e concitando o povo a lutar contra a ditadura e a apoiar a resistência armada do sul do Pará.

* * *

Durante a campanha, a vida do combatente do povo não é fácil. Dorme ao relento, dentro da mata, onde a tatuquira persegue sem descanso todos os mortais. Come o que consegue pegar. Sem poder utilizar arma nem cachorro para caçar, pouco animais captura. Quando a farinha escasseia, usa a poupa ralada do babaçu, de difícil digestão. Há dias em que o alimento é bem minguado. Se a tropa anda por perto, precisa redobrar de cautela na apanha de água nas grotas. O banho nem sempre é possível. Em certas ocasiões, quando chove, até acender o fogo constitui tarefa trabalhosa. A situação se agrava se ele está enfermo, sobretudo se enfrenta um acesso de malária. O guerrilheiro protege a munição da chuva e cuida que a umidade não estrague a arma. No decorrer do dia, desdobra-se em diferentes trabalhos e mantém a vigilância permanentemente aguçada contra qualquer surtida do inimigo. Não descansa. Faz grandes caminhadas a pé para estabelecer contatos ou buscar informações. Apesar disto, sente-se feliz e cultiva o bom-humor.

* * *

Em fins de outubro, o Exército teve, uma vez mais, que se retirar da área guerrilheira. O moral de seus soldados era baixo. Houve casos de alucinação e de desespero entre a tropa, a maioria formada de recrutas. Dez mil homens bem armados mostraram-se impotentes diante de uma força pequena, mas aguerrida e interessada na mata. Embora tivesse desfalcado as fileiras dos combatentes do povo de alguns de seus queridos e bravos integrantes, não conseguiram cercar e aniquilar as Forças Guerrilheiras do Araguaia. Elas puseram em prática o sábio princípio da guerra de guerrilha - quando o inimigo ataca, recua-se. Tampouco abalaram o ânimo combativo dos homens e mulheres que empunhavam armas para resistir à violência dos generais.

A luta armada dos moradores do sul do Pará iria prosseguir. E com redobrado entusiasmo.

Os guerrilheiros tinham-se revelado firmes batalhadores. Cabe ressaltar o papel das mulheres que, ombro a ombro com os homens, portaram-se intré-

pidamente. Cumpriram sem vacilação as tarefas mais arriscadas, nunca se queixaram ou pediram que fossem poupadas. Difícil dizer qual a melhor ou as melhores. Todas. Sônia, Dina, Valquíria, Sueli, Tuca, Elenira, Aurea, Mariadina, Lia, Cristina, Rosa. E Maria Lúcia que morreu na primeira campanha. Modelos de dedicação à causa do povo, de desprendimento e espírito de sacrifício, pioneiras e heroínas no combate armado pela liberdade - são dignas representantes da mulher brasileira no movimento revolucionário que cresce. Nessa jornada, expressavam o sentimento de mães, esposas, noivas, irmãs, companheiras de um sem número de torturados e de assassinados nas masmorras policiais. Vingavam, de certo modo, a humilhação a que são submetidas muitas mulheres em interrogatórios bestiais nos antros da repressão. Continuavam a luta pela qual tombaram. Zélia Magalhães e Angelina Gonçalves. O povo brasileiro jamais esquecerá o devotamento e a coragem das jovens guerrilheiras.

* * *

Face aos acontecimentos do sul do Pará nos quais estão envolvidos numerosos contingentes das Forças Armadas, a ditadura mantém completo silêncio. A censura é férrea sobre a imprensa e outros meios de comunicação. Os generais temem que a notícia da resistência heróica possa contagiar de entusiasmo as grandes massas da população. Médici fala em êxitos e mais êxitos no setor econômico, apresentando dados estatísticos manipulados com a finalidade de enganar o povo. Fala também de ordem e tranquilidade. O Brasil - dizia em suas arengas - é um oásis neste mundo conturbado. Graças à "revolução" de 1964 ...

Entrementes, desencadeia feroz repressão nas cidades, em escala jamais vista, porque aumenta a oposição ao regime, multiplicam-se as manifestações de descontentamento e de repulsa ao jogo militar-fascista. As Forças Armadas, que desde o golpe de 1964 supervisionavam o combate aos opositoristas conseqüentes, tratam de centralizar mais as operações repressivas através de um chamado órgão de defesa interna - o CODI, diretamente subordinado, em cada região, aos comandos do I, II, III e IV Exércitos. Põem em prática um plano de ações tipicamente terroristas contra patriotas e democratas, intensificando a tortura, sempre mais bárbara, que não poupa mulheres nem menores; assassinando centenas de adversários da ditadura; dando sumiço a muitos presos políticos. A justiça castrense nega de saída habeas-corpus às vítimas do arbítrio, a imprensa é proibida de publicar fatos relativos a prisões e torturas, os corpos dos assassinados nas masmorras policiais são negados às próprias famílias. Entre os tombados, alvos da sanha terrorista, estão quatro dirigentes

do Partido Comunista do Brasil - Carlos Daniolli, Lincoln Dest, Luís Guilhardi ni e Lincoln Roque, ardorosos defensores da resistência armada do Araguaia.

* * *

Com a retirada das tropas, começa nova etapa. Tanto para os guerrilheiros como para os agressores. Uns e outros preparam-se para novo reencontro. A preparação vai durar quase um ano: até outubro de 1973.

O Exército aumenta seus efetivos na Amazônia. Decide construir mais cinco quartéis, sendo quatro na Transamazônica: Marabá, Altamira, Itaituba e Humaitá. Outro em Imperatriz, no Tocantins. Todos destinados à criação de batalhões de infantaria de selva. Dezenas de mateiros são recrutados em regiões da floresta. Sob direção militar, abrem-se estradas dentro da zona guerrilheira que, nessa ocasião, abarca uma área superior a 6.500 quilômetros quadrados. A Transamazônica é praticamente fechada à migração camponesa. Os planos mirabolantes de transferência para a Amazônia de cem mil famílias nordestinas dissipam-se no nascedouro. Essa grande extensão florestal passa a ser reservada às poderosas empresas agropecuárias. Marabá transforma-se em área de segurança nacional, com prefeito indicado pelo governo - um militar. Algo semelhante sucede em Imperatriz. O povo da região é perseguido, sobre ele se exerce permanente vigilância. Os caminhos são vigiados. Como se fossem criminosos comuns, os trabalhadores locais recebem uma carteira especial de identificação. Quem não a possui é detido e interrogado. Em toda a zona, multiplica-se o número de agentes secretos da Polícia Federal e das Forças Armadas. Técnicos militares portugueses, especialistas no combate à guerrilha na África, são adidos ao Exército. Oficiais norte-americanos atuam nos comandos.

Também as Forças Guerrilheiras do Araguaia se aprontam. Procedem a um balanço de sua atividade desde o começo da luta. Consideram positivo e alentador o resultado até agora obtido. O moral dos combatentes não podia ser melhor. Todos passaram por duras provas e delas saíram engrandecidos. Houve modificações profundas na própria maneira de ser de cada um. Mesmo entre os mais idosos. O sentido da responsabilidade acentuou-se. Agora existia uma dívida de sangue a ser resgatada e um nobre ideal a ser concretizado. Compreendem seu papel e o que deles se espera. É possível - afirmavam alguns - que muitos de nós tombemos na luta. Quem sabe, todos nós? Mas já não somos apenas os que aqui se encontram de arma nas mãos. Somos milhões de brasileiros oprimidos e sem direitos, vivendo sob uma ditadura fascista. O caminho que desbravamos é válido e tem futuro. A idéia que defendemos pertence ao povo, jamais morrerá. Um dia ha

verá liberdade neste país, terra para os lavradores, escolas para todas as crianças, recompensa aos que trabalham e constroem o progresso da nação.

O comando das Forças Guerrilheiras toma uma série de medidas. Elabora diversas normas de atuação: sobre segurança no trabalho de massas; acampamentos; recrutamento para a guerrilha; marchas. E isto tem importância. É preciso visitar milhares de famílias camponesas, debater os problemas e fazer propaganda revolucionária armada. Tais visitas demandam precauções. Os acampamentos devem ser secretos e sempre que forem abandonados, é indispensável camuflar o lugar para não deixar pistas. A mochila de cada combatente tem que estar arrumada, as armas sempre à mão. Os novos recrutas devem ser bem conhecidos e sobre eles convém consultar as massas. Impõe-se aperfeiçoar o treinamento, preparar refúgios seguros, conhecer ainda melhor o terreno, organizar depósitos camuflados, realizar trabalho produtivo, editar materiais de propaganda. E estender os núcleos da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo a fim de estreitar mais e mais os vínculos com as massas. Mário, da Comissão Militar, lúcido e respeitado dirigente do movimento guerrilheiro, repete constantemente: "Isto aqui, de certa maneira, é um foco, uma chama brilhante que se acendeu na região do Araguaia. Mas não tem nada a ver com o foco fidelista. Neste, os combatentes pretendem por seus feitos arrastar atrás de si as massas passivas. Nós pensamos diferente. Acreditamos no povo, somos povo e achamos que só tem futuro a luta de sólida base popular. Tudo quanto fazemos destina-se a elevar a consciência dos homens simples. O principal, agora, não é travar combates com o Exército, ainda que isto tenha que ser feito, mas pôr de pé as massas da região para defenderem seus direitos e chegarem a compreender em profundidade a necessidade da guerra popular".

Os guerrilheiros voltam-se mais ainda de corpo e alma para as massas. Ajudam no trabalho das roças, suam na derrubada, no breque, na plantação, na colheita. Ensinam os analfabetos a ler. Explicam as causas do sofrimento da gente pobre e da miséria reinante. Num breve prazo, mais de 90% da população da área apoia com entusiasmo a resistência armada e se liga estreitamente aos destacamentos de combate. As massas fornecem-lhes comida, roupa, calçado, rede de dormir. Às vezes, a contribuição popular chega a ser comovente. O lavrador que nada possui faz questão de entregar a botina que usa, a única rede, o alimento de que necessita. Faz questão. Alegria-se com isto. É a maneira que encontra de solidarizar-se com os que empunham as armas. E de irmanar-se nas dificuldades. Há camponeses que se orgulham de dizer que seu barraco é sede da guerrilha. O povo aprende rapidamente o ROMANCE DA LIBERTAÇÃO, uma história contada em literatura de cordel sobre a vida da região. Bastante educativa. Contém

mais de 60 estrofes de 7 versos que começam assim: "Senhores, peço licença / Me ouçam com atenção / Vou falar sobre o Brasil / Da atual situação / Do camponês cá do Norte / Que sendo valente e forte / Ainda passa aflição". E mais adiante: "Garimpeiro, seringueiro / Madeireiro, lavrador / Seja qual a profissão / É um povo sofredor / O vaqueiro nem se fala / O barqueiro esse não cale / Vão lutar p'ra ter valor". Decorou também outro folheto, no mesmo estilo, da autoria de Beto - A VIDA DE UM LAVRADOR. Nas sessões de candomblé os presentes entoam cantorias de elogio à guerrilha. Aumenta o número de núcleos da ULDP. As massas manifestam imenso interesse em aprender e em compreender a nova situação. E aprendem, e compreendem. Em meados do 1973, um morador de Marabá, homem de certa cultura, que conhece muito bem os habitantes da zona, mostra-se surpreendido em visita que faz à região. Ele afirma: "Esse povo se transformou. Num ano, avançou meio século". E não se enganara. As Forças Guerrilheiras do Araguaia tinham construído uma base política de massas.

A guerrilha reforça-se com a adesão de novos elementos, filhos do lugar. Um deles se destaca como grande conquista: Alfredo. Desde o seu ingresso, coloca sua roça à disposição dos combatentes e se entrega totalmente à causa que ele encarou como ninguém. Conhece minuciosamente a região, exerceu todas as profissões conhecidas aqui. É homem inteligente e habilidoso. Analfabeto, em poucos meses aprende a ler e chama os outros lavradores a seguir seu exemplo. A cada dia, desvende o mundo novo que a luta guerrilheira descortina. Alegria-se e se esforça para ver ainda melhor os horizontes do futuro. Muitos moradores dispõem-se a ingressar nos destacamentos, logo que o Exército retorne. Outros, sem pretender neles entrar, vão realizando diferentes ações guerrilheiras. Todos, de uma ou outra forma, já participam da luta. Exercem constante vigilância e controlam a atividade da reação na área. Avisam os combatentes da presença de espões ou agentes do inimigo.

A resistência armada firma-se, alcança êxitos consideráveis.

* * *

Três importantes ações têm lugar, mostrando o amadurecimento da guerrilha.

Em março de 1973, o Destacamento B realiza uma operação contra um odiado pistoleiro que responde pela alcunha de Pedro Mineiro. Estava a serviço da CAPINCO, empresa-arapuca de grileiros, conhecida em toda a região por uma série de crimes praticados contra lavradores e peões contratados para derruba, limpeza, plantio etc. Mineiro era também bastante conhecido, tinha nas costas

dezenas de mortes. Expulsou de seus lares, em diferentes épocas, muitas famílias de posseiros, abrindo caminho para a ocupação de suas glebas por intrusos poderosos. Sempre esteve ligado à polícia. Agora, contava com a proteção do Exército. Numa ação bem coordenada, sob o comando de Osvaldo, o Destacamento aproxima-se cautelosamente de sua morada, cerca-a e detém o bandido, Pedro Mineiro, antes tão arrogante, transforma-se num mulambo, sentindo que chegara a hora do ajuste de contas. Faz-se um julgamento sumário e ali mesmo o criminoso é fuzilado. Outras pessoas que se encontravam na casa foram mandadas embora. No local apreendem-se armas e munições, roupas, comestíveis e remédios. Em poder de Pedro Mineiro são encontrados mapas aerofotogramétricos da Área do Gameleira, vários títulos de posse ilegal de terras e cartas de militares recomendando-o a outros militares. A execução desse pistoleiro alcança enorme ressonância em toda a região, é saudada pelas massas como um grande ato da justiça do povo, justiça que demora mas acaba chegando.

Em agosto de 1973, o Destacamento C realiza uma operação contra a fazenda e casa comercial do paulista Nemer Kouri. Os guerrilheiros respeitam, em geral, os bens dos comerciantes e a propriedade privada, mesmo de fazendeiros. A luta exige uma ampla frente-única. Mas Nemer, além de grileiro e explorador da massa camponesa, tinha posto sua fazenda à disposição do Exército e ajudara, no início do ataque à zona, à prisão de Geraldo, do Gameleira. Apossara-se indevidamente de um burro que pertencia aos elementos perseguidos. A operação é feita à noite, sob a direção de Pedro que, na ocasião, comandava o Destacamento. Na fazenda há treze peões que ali trabalham e que, de certo modo, fazem a segurança. A casa é cercada e invadida pelos guerrilheiros. Nemer recebe a ordem de prisão no momento em que havia tirado a roupa para dormir. Sua mulher assusta-se mas recobra a calma. Ele no entanto não consegue ficar de pé. Treme como vara verde. Trata de desculpar-se e de pedir perdão. Enquanto isto, guerrilheiros explicam aos peões reunidos o motivo da ação e os objetivos da luta. Nada se faz contra eles. Alguns manifestam sua aprovação à conduta do Destacamento. Ao final da operação, apreendem-se alimentos, remédios, roupas e revólveres. Nemer é posto em liberdade e advertido, se continuasse a ajudar os inimigos do povo, da próxima vez seria fuzilado. Também esta ação mereceu amplo apoio da população local. Muitas eram as queixas contra Nemer Kouri.

Na segunda quinzena de setembro de 1973, o Destacamento A, agora Ele nira Rezende, realiza uma operação contra um Posto da Polícia Militar em plena Transamazônica, no entroncamento para São Domingos das Latas. Esse Posto

incumbe-se da fiscalização e controle da estrada, da revista de veículos e passageiros que por ali transitam. Os soldados são muito mal vistos pela população. Atrabiliários, cometem violências e extorsões. O assalto é comandado por Zecarlos, secundado por Nunes e Alfredo, e com a participação de mais 7 guerrilheiros. Na véspera, durante a noite, o grupo acampa na mata próxima do local visado. Manhã cedinho, cerca o Posto e intima os soldados a render-se. Estes, trancados lá dentro, mantêm-se quietos como jabuti atacado por jacamim. Incendeia-se o telhado para obrigá-los a sair. Eles saem com as mãos para o alto. O comandante interroga-os. Faz-lhes a advertência de que seriam justicados se continuassem a perseguir os moradores. Depois, são liberados e expulsos do local. Vestidos apenas de calção, desmoralizados, põem-se a correr estrada a fora. Nesta ação o Destacamento Elenira Rezende apreende 6 fuzis, 1 revólver, munições e roupas. O ataque ao Posto é louvado pelas massas.

* * *

Apesar da repressão brutal, também nas cidades desenvolvem-se diferentes formas de luta. Surgem greves operárias desmascarando a exploração e o "archo" nos salários. Os trabalhadores de alguns setores industriais conseguem "abono" por adiantamento em futuros aumentos salariais. Estudantes protestam pelo pagamento do ensino, sempre mais caro e ruim, pela proibição de suas atividades gremiais e culturais, opondo-se ao decreto fascista 477. Repercute entre eles a mensagem enviada por Elenira: "Empunhem firmemente a bandeira da liberdade, não dêem tréguas à ditadura". O movimento contra a censura à imprensa, ao rádio e a televisão alarga-se constantemente. Artistas e compositores de música popular encontram maneiras diversas de combater as pesadas restrições impostas ao seu trabalho criador. Em alguns lugares fundam-se Comitês de Solidariedade aos moradores do Araguaia.

No interior, aumentam os atritos entre a reação e os camponeses. Na localidade de Pontes e Lacerda, em Mato Grosso, centenas de posseiros organizam uma resistência contra a ação de grileiros que ameaçam despejá-los. Levantam obstáculos nas estradas e pontes, dispõem-se a enfrentar a polícia. Em São Félix e Santa Teresinha, às margens do Araguaia, o Exército comete toda sorte de arbitrariedades, protegendo a CODEARA e outras empresas semelhantes. Defronta-se com a repulsa geral. Dezenas de lavradores embrenham-se nas matas dispostos a resistir. O bispo e os padres, assim como comerciantes e professores primários, condenam as violências e são insultados e espancados. No Maranhão, em Pau Ferrado, os lavradores tratam de defender suas terras de investidas dos fa

fazendeiros da CIGRA. Recebem os pistoleiros e a polícia a bala, ferem vários dos atacantes, obrigando-os a retirar-se. Na rodovia PA-70, a caminho de Marabá, 40 posseiros lutam contra os irmãos Gomes Pereira, conhecidos grileiros, que procuram apossar-se de 50 mil alqueires de terra, expulsando antigos moradores. No Oeste do Paraná há choques armados entre posseiros e policiais. Os índios, em toda a Amazônia, denunciam com vigor a invasão de suas reservas por fazendeiros e grupos capitalistas, falam em recorrer às suas armas primitivas para conter os intrusos. Todos estes fatos mostram que a resistência armada no sul do Pará não é um fato isolado. Traduz um sentimento generalizado.

A luta no Araguaia repercute no exterior. Em vários países, organizam-se movimentos de solidariedade, particularmente no Chile, Argentina, Colômbia, França, Bélgica, Itália. A Albânia difunde amplamente notícias da resistência. Os comunicados, entrevistas, cartas dos guerrilheiros são traduzidos em diferentes idiomas, levando a outros povos a mensagem de rebeldia dos bravos lutadores do sul do Pará!

* * *

Mas a calma aparente que reinara na zona da guerrilha desde o fim do ano de 1972 vai terminar. A 7 de outubro de 1973, inicia-se a terceira campanha. Furiosa e bandidesca. Calcula-se de 5 a 6 mil os efetivos empregados. O Exército ocupa diversas localidades e planta-se em vários pontos da mata, em forma de arco, como que tentando cortar possível retirada dos guerrilheiros. Traz não somente recrutas, mas tropas especializadas e bem treinadas em luta na selva, grande número de mateiros e rastreadores. Dentro da zona, estabelece bases de apoio nas fazendas, roças e sedes de castanhais. Suas patrulhas de penetração na floresta portam metralhadoras leves e fuzis FAL. Dispõem de meios rápidos de comunicação. Aviões e helicópteros participam da operação.

A primeira parte da ofensiva, o Exército dirige contra a população local. Muitos homens, e também algumas mulheres, são presos. Mais de mil pessoas, incluindo pequenos comerciantes, religiosos e até mesmo fazendeiros. Nas roças ficam apenas as mulheres e as crianças. A violência é impiedosa e sem limites. Onde a tropa não encontra moradores, os barracos são incendiados, os paióis de arroz e milho, destruídos. Os lavradores sofrem incríveis crueldades. Alguns enlouquecem, como Frederico, outros morrem. O Exército considera a população da área, em seu conjunto, como guerrilheira ou amiga dos guerrilheiros. Implanta, por isso, o terror. Nem os menores escapam. Crianças são ameaçadas e castigadas. Os soldados vieram para esmagar a resistência popular

que vai crescendo, consolidando-se, repercutindo em vasta região. Não se detêm ante nenhum princípio moral. O chefe supremo dos bandoleiros fardados, Garrastazu Médici, não quer deixar o governo sem antes haver extinguido o foco luminoso do Araguaia.

Grave ameaça pesa sobre as Forças Guerrilheiras. Elas tinham-se fortalecido, tornaram-se unha e carne com as massas. Estão sem dúvida melhor aparelhadas, embora suas armas sejam antigas e pouco eficientes. Mas o inimigo também se aparelhou e conta com abundantes recursos. A desigualdade em armamento e efetivos não tem paralelo. Os guerrilheiros estão mal calçados, faltam-lhes roupas sobressalentes, plásticos para abrigar-se da chuva. Somente no moral e no apoio das massas são infinitamente superiores. Além do mais, a repressão brutal contra os lavradores irá dificultar a ação guerrilheira. Os combatentes, porém, não se deixam abalar, mantêm-se firmes e serenos. Distribuem suas forças a fim de defender-se da ofensiva inimiga. Sabem que é vantajoso evitar o contato com a tropa, ainda que devam fustigá-la e desmoralizá-la.

* * *

Os choques não tardam. Muitas patrulhas do Exército penetram na mata. Os guerrilheiros deslocam-se para setores previamente estabelecidos. E tentam algumas ações.

Nelito e seu grupo, com a participação de vários moradores, preparam uma emboscada contra as tropas. Os soldados, no entanto, não passam pelo sítio escolhido. Nelito e os demais dirigem-se, então, para a Transamazônica, procurando destruir uma ponte. A tentativa não tem êxito porque os instrumentos com que contam são pouco eficazes.

Oswaldo e mais dez companheiros organizam também uma emboscada. Permanecem mais de uma semana no local, atentos, mas os soldados não chegam. Retornam porque terminou o alimento que levaram.

Um grupo de três guerrilheiros, dirigido por Ari, realiza uma operação de fustigamento nas proximidades de Franco. Ataca corajosamente a tropa. Há intenso tiroteio, e pânico entre os soldados. Retira-se sem sofrer baixas.

Dia 14 de outubro, Zecarlos, Alfredo, Nunes e Zebão morrem num encontro com o inimigo. Alfredo insistira para que o grupo fosse a sua roça apanhar dois porcos que criara a fim de aumentar as reservas alimentícias do Destacamento. Zecarlos considera a operação perigosa, dizendo: "não vamos agora morrer pela boca". Sabe que o Exército, desde o dia 7, tinha ocupado a roça

do Alfredo e seguramente estaria emboscado nas imediações. Afinal, cede. Pegam os porcos, matam e os limpam e quando vão retirar-se são metralhados.

24 de outubro, o Destacamento Elenira Rezende, comandado por Piauí, sofre ainda outra baixa. Sônia é assassinada pelo Exército. Ela deixara o acampamento, à margem do rio Fortaleza, em companhia de um jovem do lugar, a fim de ir ao encontro de dois companheiros que chegariam a um ponto combinado às 5 horas da tarde. O comando lhe recomenda não seguir o caminho muito picado. Mas ela não vê motivo para receio. Segue nesse rumo. Adiante, tira as botinas e deixa-as na picada. Vai a um córrego, lava os pés e o rosto. Quando volta não vê as botinas. Pensa tratar-se de uma brincadeira. Chama baixinho pelo nome de um conhecido. Recebe uma descarga e cai ferida. A patrulha do Exército agarra-a violentamente e quer saber o seu nome. Ela responde, altiva: "Sou uma guerrilheira que luta pela liberdade". O militar retrucou: "Tu queres liberdade? Então toma ...". Desfecha-lhe mais tiros.

Dia 21 de novembro, três guerrilheiros do Destacamento C fustigam pequena tropa que passava por uma estrada na zona de São Geraldo. Matam um soldado, os outros debandam em completa desordem.

A 24 de novembro, Ari, bravo combatente do Destacamento C, é atingido por uma bala, próximo de uma gruta. Seu corpo é achado pelos companheiros sem a cabeça. A soldadesca tinha-a decepado, talvez com vida, pois o tiro podia tê-lo apenas ferido.

Uns dias antes, em 15 de novembro, três guerrilheiros são atacados por uma patrulha quando apagavam rastros. Tiroteiam e escapam.

É dia de Natal, 25 de dezembro de 1973.

Um agrupamento guerrilheiro de uns 20 elementos aproxima-se da área do Destacamento Elenira Rezende, por dentro da mata. Dele participam, entre outros, Mário e Joca que, seis anos atrás, nesse mesmo dia, desembarcavam no sítio Paveira. Dina e Luís ardem de febre, com forte acesso de malária. O agrupamento acampa uma légua antes do local onde se encontra o Destacamento. Sobrevoam aviões e helicópteros. São 11 e meia da manhã. Ouve-se ligeiro estalido. Em seguida, numerosa patrulha do Exército abre fogo contra os guerrilheiros. Estes respondem audazmente ao ataque. Trava-se intenso tiroteio, ocorrem baixas de lado a lado. Momentos após, descem helicópteros para apanhar mortos e feridos.

* * *

O inimigo continua investindo. Multiplica o número de patrulhas que

penetram na mata. Algumas vezes segue um rastro falso e nada consegue; outras, choca-se com contingentes de sua própria força. No lugarejo Brejo Grande, uma tropa do Exército é emboscada por soldados da Polícia Militar, pensando tratar-se de guerrilheiros. Tiroteiam, e quando verificam o engano, há mortos e feridos. Na área do Gameleira, também se desentendem forças do Exército, resultando em várias baixas. Em outra ocasião, por equívoco, um oficial é atingido mortalmente por seus próprios companheiros quando tomava banho numa grota. Muitos acidentes na floresta causam perdas às hostes governistas

* * *

As Forças Guerrilheiras do Araguaia decidem dispersar mais seus elementos e subdividi-los em grupos menores. As dificuldades são grandes. Mas não existe entre os combatentes nem sombra de desânimo. "Quaisquer que sejam as vicissitudes, não arriaremos nossa bandeira" - continua sendo o seu lema. A causa que defendem é justa, e mostram-se dispostos a ir até o fim. Se a morte chegar, outros muitos brasileiros amantes da liberdade ocuparão o lugar dos que tombarem. Mais cedo ou mais tarde.

Espalham-se por recônditos caminhos, saem do cerco, alcançam novos e distantes trechos da selva. Ninguém os poderá aniquilar.

* * *

A 31 de março de 1975, o ditador Ernesto Geisel fala, pela primeira vez, nas guerrilhas de Marabá-Xambicá. Já não pode manter o silêncio. Refere-se aos lutadores como sendo um núcleo de fanáticos. Fanático na linguagem de caserna é termo pejorativo, mas que esconde, na verdade, expressões como obstinado, relutante, indômito. Precisamente as qualidades dos que fazem a resistência armada no sul do Pará.

Filhos queridos do povo, patriotas da melhor estirpe, ousam desafiar as dificuldades, os reveses e os sacrifícios com o pensamento voltado para o Brasil livre do despotismo. Conquistam o respeito e a admiração das grandes massas populares. Viverão no coração de todos os que amam a liberdade e odeiam a opressão. Seus nomes permanecerão eternamente gravados no monumento de coragem e dignidade que erigiram com seu devotamento à causa do povo, com seu sangue e suas vidas.

Todo o apoio e solidariedade aos guerrilheiros do Araguaia!

Aprendamos de suas experiências magníficas, do seu indomável espírito revolucionário!